

LITERATURA INFANTIL – UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA DO CONTO “PELE DE ASNO”

Priscila Mayume S. Hirotsu.

Universidade Federal da Paraíba – DLCV- UFPB.

O conto “Pele de Asno”, de Charles Perrault, conota a relação incestuosa e a idéia de abuso sexual entre pai e filha. O contexto da história é passado na idade média em uma sociedade monarca e patriarcal, o que é ressaltado pelo fato de o protagonista incestuoso ser o rei. Para melhor entendimento recapitularemos trechos do conto que julgamos significativos e que servem de suporte para fundamentar a presente análise.

A história começa com a felicidade plena do rei e da rainha que possuem vastas terras e riquezas. Da relação amorosa nasce sua única filha, uma linda princesa, entretanto a alegria é interrompida pela morte da rainha. Esta faz um pedido ao rei antes de morrer: de jurar casar-se apenas quando encontrar outra mulher que tenha melhores talentos que ela. Percebemos certa soberba da rainha ao dirigir ao monarca seu pedido, ficando implícita a sua convicção e sua superioridade pessoal. O objetivo tácito do pedido é de a rainha não ser substituída ou superada, tendo ela certeza de que seus dotes são únicos, morrendo assim em paz e convencida de que jamais irá ser trocada.

Com o passar do tempo, a tristeza é amenizada e, devido à pressão dos conselheiros da corte, o rei decide casar-se novamente. Apesar de várias mulheres que lhe são apresentadas, tanto da corte, como do campo e moças de outros reinos, o monarca continua viúvo e não se sente atraído por nenhuma delas. O Conto nos diz que ele começou a sofrer de transtornos mentais, caracterizando um desvio sexual de conduta, passando a enxergar na filha os atributos da rainha em uma versão esmerada e rejuvenescida, querendo desposá-la. Percebe-se a partir daí o fenômeno psicanalítico denominado por Freud como o complexo de Édipo, baseado na tragédia de Sófocles, mito do herói que involuntariamente mata o pai e casa-se sem saber, com sua mãe.

Freud afirma que todos nós na primeira infância desenvolvemos os primeiros estímulos sexuais, em que nos identificamos sexualmente pelos nossos genitores ou por aqueles que desempenham a função de pai e mãe. Na forma positiva, as meninas sentem atração pai e os meninos sentem-se atraídos pela figura materna, na forma negativa a atração é dada pelo mesmo sexo.

O complexo edípico começa a se desenvolver na fase fálica, compreendendo as idades de três a seis anos, nesta fase a criança começa a experimentar sua sexualidade, desenvolvendo a maturidade sexual e a estruturação do *Superego*. Em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud acrescenta: “*Em extensão sempre crescente, o complexo de Édipo revela sua importância como o fenômeno central do período sexual da primeira infância.*” (FREUD, 1924, pg. 217). Na idade de seis a doze anos, ocorre uma regressão, em que a criança supera o complexo de Édipo, fato que ainda não foi explicado em sua totalidade. “*Após isso, se efetua sua dissolução, ele sucumbe à regressão, como dizemos, e é seguido pelo período de latência. Ainda não se tornou claro, contudo, o que é que ocasiona sua destruição.*” (FREUD, 1924, pg. 217).

O amor da mãe é primeiro amor vivido infância, este é vivenciado na família, sendo a mãe para a criança a imagem da perfeição. A mãe é em primeira instância a força nutridora, a que cuida da higiene, segurança, alimentação e bem estar, por isso é tão difícil o desapego e a separação, pois estamos acostumados a este zelo e conforto que similarmente encontramos em outros substitutivos simbólicos.

Futuramente o caminho entre meninas e meninos divide-se, os meninos afastam-se da mãe e experimentam outras situações do cotidiano masculino, espalhando-se na figura paterna, e desencantando-se de seu primeiro afeto amoroso. As meninas percorrem uma trilha diferente. Para que amem o sexo oposto, precisam transferir seu sentimento de amor materno para a imagem paterna, e disputar com a mãe por este amor, além disso, as meninas sentem um desejo reprimido de ter um bebê do pai. No livro *Fadas no divã: Psicanálise das histórias infantis*, os autores apresentam o fenômeno edípico feminino da seguinte maneira: “*(...) a saída será se identificar com pai, o objeto de amor da mãe, e isso implicará se virilizar. Para ser mulher, precisará se identificar com a mãe, rivalizar com ela, o que implica que, em vez de ser amada por ela, terá que perder-la.*” (CORSO Diana; CORSO Mario, 2006, pg. 98).

No conto *Pele de Asno*, de Charles Perrault, o pai deseja sua filha e conscientemente, fazendo tudo o que pode para torná-la sua esposa. Analisando literariamente a figura paterna, percebemos que a figura masculina subjuga o feminino e também o quer amorosamente. Pela época em que o conto foi publicado (1694), concluímos que nesse período as discussões científicas sobre sexo e sexualidade não existiam e as relações incestuosas eram rechaçadas. Na época o valor da mulher era definido por seu nome herdado da família, do marido ou por

algum título de nobreza, entre outros. Os valores matrimoniais estavam intimamente ligados a um jogo de interesses e os prazeres sexuais ficavam em segundo plano.

No tempo interno da obra (idade média), o fato de ser rei sugere que o matrimônio seja uma forma de política e de aliança com outros reinos, mas no conto o matrimônio assume um significado de consumação sexual. Através do casamento com a filha, o pai pode satisfazer-se sexualmente e também assumir uma forma de possessão, fazendo com que a menina não possa cassar-se (relacionar-se sexualmente) com outros, sendo ele seu único e incondicional amante.

O infortúnio edípico feminino torna-se explícito no conto de Perrault, diferente de outros contos em que as princesas são vencidas por outras figuras maternas ou femininas, nesta história a mãe perde seu lugar para filha ao morrer e seu pai não consegue sair do luto, não encontrando nenhuma motivação ou estímulo que o faça superar aquele momento difícil, sendo apenas sua filha a única capaz de assumir o legado deixado pela mãe no coração do seu pai.

Diana Corso e Mario Corso em sua análise comparam as princesas dos contos *Pele de Asno* e *Bicho Peludo*, dos irmãos Grimm, com outros dois contos, dizendo: “(...) *Elas venceram a contenda pelo amor do pai que outras, como Cinderela e Branca de Neve, perderam. E mais, o pai afirma que mulher alguma chegará aos seus pés, afinal, a mãe maravilhosa e agora morta foi não só representada, mas superada por uma versão melhorada, rejuvenescida, que é a filha.*” (CORSO Diana; CORSO Mario, 2006, pg. 98).

O olhar do rei para filha foi um meio que ele encontrou para superar a morte da falecida esposa, sendo a princesa o substitutivo simbólico da rainha. A morte da rainha quebra o triângulo amoroso edípico, em que a menina disputa a atenção e o amor do pai, com a mãe. O jogo sexual se inverte, a filha supera seu conflito, enquanto o pai direciona seu olhar para ela e rebaixa sua posição de monarca para uma condição servil, ficando submisso a todos os caprichos da menina, buscando a obtenção do seu amor.

A menina consegue discernir que o desejo do pai é algo que não deve existir, recebendo a ajuda da Fada dos Lilases, que têm a idéia de pedir algo que supostamente seria impossível do pai da garota realizar. A madrinha instiga a princesa a pedir roupas estampadas com a cor do tempo, da lua e dos raios solares, mas surpreendentemente o rei atende os desejos da filha. Fato interessante é que os “pedidos impossíveis” se materializam em forma de vestido, símbolo da feminilidade e sedução. A princesa recorre novamente aos conselhos da fada madrinha, que lhe recomenda pedir desta vez à maior fonte de riquezas do reino, algo

que o monarca supostamente terá que negar: a pele de um asno mágico que possui o dom sobrenatural de produzir fezes de ouro invés de estrume. A fada, pensando astutamente em retardar a vontade incestuosa do pai, colocou em conflito o desejo sexual com os interesses econômicos de todo o reino. O anseio pela filha é tão grande que rapidamente o animal é sacrificado e a sua pele entregue à menina, conforme o pedido.

De fato, os elementos são impossíveis de serem confeccionados e suas cores não podem ser estampadas em tecido, tornando impraticável a sua fabricação, assim também como aceitar a aspiração sexual por uma criança, fato vivenciado no conto pelo monarca. Os vestidos que servem para adiar as bodas com o rei, ligam-se analogamente com a construção dos dotes femininos e a imagem sedutora da princesa, sendo os mesmos um acessório futuro para conquistar o príncipe, metaforizando a imagem paterna, imagem que sempre esteve relacionada à sedução e ao desejo sexual.

Vemos que a princesa sente deleite em possuir os mais magníficos vestidos, o que chama atenção é que ela não se desfaz de nenhuma jóia e nem das roupas dadas pelo rei. Inclusive insiste em seus pedidos por três vezes, compreendendo que a cada pedido estará de certa forma mais envolvida ao seu pai e complacente com o seu desejo. Podemos ligar os pedidos dela com o desatino do pai, coisas sórdidas e impossíveis, mas que são valiosamente desejadas. Percebendo que o rei fará de tudo para possuí-la, a menina cobre-se com a pele do asno e suja seu rosto com sujeira, fugindo para longe do castelo, passando a rondar distante da corte em busca de trabalho. O seu aspecto é tão asqueroso que todos negam ajuda, mas por piedade encontra uma ocupação em outro reino.

Distante de casa, a sua vida é totalmente transformada, e a sua situação social e sentimental é invertida. Ao colocar a pele do burro e reprimir sua beleza, os elogios convertem-se em zombaria, os seus pedidos se transfiguram em ordens imposta por rudes patrões, e sua maior arma, a sedução, é desdenhada por todos que a cercam. Notamos que a menina só resgata sua beleza e nobreza quando veste os vestidos conseguidos na investida frustrada do pai. Outro ponto de vista percebido é que ato de vestir-se dá a idéia de nudez, como se a jovem estivesse nua e sem armas de sedução. A pele do asno que a encobre, esconde todo o seu charme, deixando-a desarmada e sem atrativos. Ela fica nua no sentido de não ter encantos que prendam e chamem a atenção para si.

Certo dia, ao olhar-se refletida em um lago a menina percebe seu estado físico e desperta para sua condição aviltante. Neste momento o conflito da personagem é exposto para o leitor, pois a maneira como a princesa é apresentada no início do conto é desfeita

totalmente, toda sua riqueza, prestígio, poder e principalmente sua estética (fonte de toda atração sexual) passa a ser fragmentada, e dar lugar a ridicularização, surgindo daí seu apelido e o nome do conto: Pele de Asno.

No instante em que desperta para sua realidade, renasce a vontade de ser atraente e desejada. Escondida, passa a usar em seu quarto os vestidos mágicos, que de certa forma lhe aumentam a estima e que coloca novamente na trama o elemento sedutor. Pele de Asno ao encontrar a figura do príncipe, apaixonou-se por ele e substituiu o desejo paterno pela figura do lindo príncipe encantado, voltando ao jogo da atração.

Usando em seu quarto um dos magníficos vestidos, o príncipe olha pelo buraco da fechadura e vê a gloriosa imagem celestial de uma princesa, o jovem se informa que a bela moça é Pele de Asno, surpreendido com fama de suja e nojenta, cai enfermo, exigindo para curar-se que a moça lhes faça um bolo. Nota-se que antes de fazê-lo, Pele de Asno se preocupa em lavar-se e colocar o seu vestido mais bonito, este gesto planejado revela a função do traje, vestir-se com astúcia para a captura do príncipe. A garota, que é incumbida de fazer o bolo, deixa cair um de seus anéis na massa, símbolo de sedução, sensualidade e matrimônio. A atração mais uma vez é posta e o encantamento sexual desta vez será o anel. Ao comer o bolo o príncipe nota o objeto estranho, melhorando magicamente de sua doença. Ele é convencido que está doente de amor e que a cura é casar-se, concordando e determinando que somente irá casar com a moça cujo dedo encaixe no anel contido no bolo.

Se repararmos no início do conto, o rei sofre de transtornos e insiste em casar com a filha, mesmo que dezenas de princesas lhes sejam apresentadas, vemos que apenas a menina é capaz de satisfazê-lo, portanto Pele de Asno torna-se igualmente objeto do mesmo fetiche, por ser objeto *supervalorizado* e exclusivo de desejo nos dois casos. Desta forma em ambas as situações em que a princesa está ligada amorosamente, o casamento e sua consumação é o único jeito de solucionar as necessidades dos personagens masculinos e supostamente curá-los dos males, caracterizando o que Freud descreve por *fetichismo*, sendo que o amor do príncipe é considerado *normal* e o amor incestuoso do pai de caráter *perverso*. Freud nos diz que: “*O ponto de ligação com o normal é proporcionado pela supervalorização psicologicamente necessária do objeto sexual, que se propaga inevitavelmente por tudo o que está associativamente ligado ao objeto. Por isso certo grau desse fetichismo costuma ser próprio do amor normal, sobretudo nos estágios de enamoramento em que o alvo sexual normal é inatingível ou sua satisfação parece impedida (...)*”. (FREUD, 1905).

O fim do conto nos revela outra marca importante, o tempo. O passar do tempo tira o luto e cura o amor incestuoso do pai, que comparece nas bodas da filha. Mesmo passado muitos anos a identifica, reconhecendo os erros do passado e lhe pedindo perdão. O rei supera seu desvio de conduta e casa-se novamente, esquecendo o amor pervertido pela princesa dando lugar ao amor paterno e fraternal.

Considerando o conto, observamos que o conflito da história é que a mãe é vencida nessa competição amorosa e o pai retribui sexualmente esse amor. Concluimos que a imagem paterna é narrada a partir da visão da filha, que está em transição da fase fálica pra fase de latência, período de regressão do complexo de Édipo. Ela tenta escapar do pai que a deseja, saindo de casa disfarçada com a pele do asno e com a pele suja. A saída do castelo e dos arredores da corte pode remeter à passagem da infância, onde o mundo era visto inocentemente, para uma fase adulta, onde os conceitos estão sendo formados e se tem a consciência de suas faculdades físicas e psíquicas.

As vestes da princesa são um dos elementos mais representativos, principalmente a pele do burro, além de nomear o conto e a jovem, assume outras diversas interpretações. No geral, desde épocas primitivas, as peles servem para aquecer quem as vestem, como prêmios de caça e até mesmo como um bem de valor, já que seu valor de troca sempre foi alto. No conto o rei pode assumir o papel de caçador e a princesa de caça. Outros sentidos sexuais também podem ser empregados ao animal e sua pele, como os pelos do asno relacionado com os pelos da puberdade, época vivenciada no tempo interno da obra pela menina, e ao apelo sexual transmitido pela cavalgada.

A pele do asno mágica oculta à princesa e denota algo a ser escondido, encobre os seus atributos e sua nobreza, ao passo que simboliza a negação da figura paterna e a perda de sua condição real em substituição à vida humilde e sem luxo. Diana Corso e Mario Corso nos fazem uma observação relevante: *“Dessa forma, a nobreza fica associada a uma posição mais alta no sentido moral e a pobreza, à perda da virtude. A viagem que elas iniciam, rumo à retomada e ao reconhecimento de sua condição aristocrática, pode ser vista como uma espécie de pertinência, como um trecho de abstinência capaz de angariar o perdão.”* (CORSO Diana; CORSO Mario, 2006, pg. 96).

Essa pele está intimamente relacionada com a idéia de morte, já que o bicho é dado em sacrifício e com a idéia de valia, pois podia produzir infinitamente moedas de ouro. Podemos comprovar que ao matar o bicho, matamos a fonte de riquezas que supria os caprichos da filha do rei, sendo ela a principal atingida financeiramente com a morte do

animal. Quando a menina se veste com a pele do asno, observamos que ela está sempre em um papel humilde e pobre. Nos tempos medievais a pobreza esteve sempre relacionada ao indivíduo explorado, humilhado e sem valor social. Pele de Asno assume qualidades que não chamam a atenção positivamente, assim também como um asno comum em seu celeiro, que a primeira vista não revela nenhum atrativo, mas no conto tanto o asno como a menina se destacam justamente pela aparente falta de atrativos. O simples animal esconde magicamente seu valor inestimável e encobre uma bela jovem da nobreza.

No trecho da fuga, a menina além de se cobrir com a pele de um bicho morto, também se encobre de sujeira, visto que ela é muito alva, com traços meigos e de uma feição suave, temendo ser reconhecida se disfarça completamente. Ao associarmos a visão de sexualidade cristã, em que o sexo é conceituado como algo pecaminoso, portanto sujo, com o fato de encobrir sua pele com fuligem, entendemos que a sujeira em seu rosto corresponde ao aspecto de pecadora. A princesa está impura, pois o fato de o pai querer incestuosamente lhez faz com que seja parte da perversão, e talvez seja por isso que tenha perdido seu título de nobre e sofrido como plebe, sendo uma espécie de penitência para sua redenção.

Perrault faz questão de ressaltar a brancura com o sentido de pureza e castidade, deixando nítido em dois momentos sua intenção. No primeiro momento quando Pele de Asno se vê refletida em um espelho de água e assusta-se com seu aspecto, lavando o seu rosto sujo, e deixando revelar a alvura de sua face, descrevendo-a como *linda e branca como a lua*, e em outra situação, quando separa ingredientes para preparação do bolo, querendo os melhores ingredientes separa *a mais branca e pura farinha*. O claro e o escuro, assim também como a princesa e a plebe, o feio e bonito, pobreza e nobreza, e principalmente o desejo e o desdém traçam o antagonismo vivido pela protagonista na trama, sempre caminhando entre dois pólos extremos.

A auto-identificação na infância é o maior desafio psicológico a ser enfrentado e vencido na vida infantil, o complexo de Édipo feminino se concretiza quando a menina se espelha na mãe e abdica desse vínculo materno, desejando inconscientemente o pai, competindo por esse amor. Os estudos freudianos constatam que todas as crianças passam por essa fase na infância e precisam do sexo oposto, onde se constrói sua personalidade e feminilidade. *“Existe uma constatação clínica simples: um pai que não dedique um olhar para a sua filha a deixa sem armas para o futuro jogo amoroso fora de casa.”* (CORSO Diana; CORSO Mario, 2006, pg. 96). O embate desta história é que a mãe é vencida,

perdendo a disputa amorosa, e o pai em um momento de desvario retribui sexualmente esse amor.

No conto, a filha do rei vence esse conflito edípico quando deixa a posição de princesa, sai do castelo, decidindo perder todo o bem estar e conforto, e entra em outro reino, assumindo uma condição servil. Ao Expor-se a maiores provações e perde a sua condição nobre, deixando claro sua superação e fazendo o que realmente é certo, tornando-se independente e fazendo suas próprias escolhas.

A fuga da princesa chama atenção por ser em uma época aristocrática e altamente machista. Além disso, sua posição nobre a tornaria ainda mais submissa, entretanto, o que acontece é o amadurecimento, a construção de suas próprias idéias e discernimento. Por fim a jovem apaixona-se, sendo o príncipe a nova figura masculina e equivalente a figura paterna. O príncipe torna-se para a princesa o substitutivo simbólico do rei.

Em síntese, o drama vivido por Pele de Asno, ao ser escolhida pelo pai, mostra a utilização de um teste de valor sentimental, ao pedir presentes tão valiosos, confirma a sua compreensão e identificação com os desejos do rei. Diana Corso e Mario Corso em sua análise comparam a jovem do conto *Pele de Asno* com outras princesas de outros contos, e nos dizem: “*Aliás, essas princesas desejam o desejo do pai, o exigem, até pedem provas deste, querem saber quão longe ele irá em nome desse amor, isso as torna bem complacentes, portanto amorosamente implicadas.*” (CORSO Diana; CORSO Mario, 2006, pg. 98).

A menina vive um drama amoroso entre o desejo e o frustrante, a morte de sua jovem mãe desencadeia em seu pai um sentimento pervertido: Segundo Freud, o amor pelo pai seria em hipótese útil para a construção de sua identidade matura de mulher, mas o sentimento pode se transformar em traumático, já que o pai se dispõe em retribuir sexualmente este amor. O abuso sexual é algo para qual nenhuma criança está preparada biologicamente e mentalmente. Para a criança é algo confuso, hipotético e, mesmo que lhe cause algum prazer, a infantilidade não consegue elaborar e confrontar a situação. Perrault deixa claro que Pele de Asno não se torna traumatizada, mas que as situações compeliram para sua formação de mulher. Tudo o que acontece no conto serve de ensinamento de que muitas vezes somos obrigados a passar condições dolorosas para seguirmos o caminho certo.

Inferir sentido a um texto é algo bastante subjetivo, mas obviamente está inteiramente ligado com o cotidiano. Podemos afirmar que pessoas com realidades diferentes poderão fazer interpretações literárias diferentes. Levar a literatura, em especial os contos de fadas, a conhecimento das crianças, é trazer elementos ficcionais que talvez expressem sua

realidade. Falar de sexo e sexualidade, mesmo na era da modernidade, ainda é tabu para a maioria das famílias, principalmente na infância, onde dúvidas permeiam a mente, e mesmo a sociedade ainda não sabe tratar com seriedade o assunto.

A criança tem a necessidade de fantasiar sua realidade para entender a complexidade do mundo a sua volta e para compreender o sentido das coisas. Para isso, usa como recurso o que mais lhe parece concreto e tangível, cabendo aos responsáveis deixar o mais nítido possível sua vida, dando-lhes suporte para discernir e delimitar situações sociais. Os contos de fadas podem auxiliar neste importante momento de construção coerente de suas idéias. Os ensinamentos presentes nos contos geralmente apresentam uma linguagem de fácil compreensão e trazem de uma forma simplificada histórias ambientadas em atitudes sociais cotidianas e problemas universais. Como a criança está exposta à sociedade, certamente aprenderá de acordo com seus recursos a interagir da melhor forma possível. Bettelheim acrescenta: “*À medida em que as estórias se desenrolam, dão validade e corpo às pressões do id, mostrando caminhos para satisfazê-las, que estão de acordo com as requisições do ego e do superego.*” (BETTELHEIM, 2002).

Não podemos encontrar uma data certa sobre a origem dos contos de fadas, mas sabe-se que estas histórias eram inicialmente transmitidas de forma oral. Hoje, no século XXI, com a tecnologia, os contos adquirem outras formas de transmissão, porém não perdem seu lugar junto às narrativas infantis. Há relatos de que contos como *Branca de Neve* e *Cinderela* derivam de contos orientais chineses e indianos que trazidos pelos árabes à Europa encontraram um terreno fértil entre a obscuridade da Idade Média e a cultura local na consolidação do cristianismo. Contra o paganismo surgisse talvez daí: bruxas, elfos, duendes, fadas, e tantos outros seres mágicos que povoaram as memórias das crianças durante séculos, e que ainda hoje tradicionalmente nos acompanham.

Os contos da idade média eram repletos de fantasias do mundo adulto: morte, mistério, incesto, crença no sobrenatural, inveja, cobiça, assassinato, traições, mas passaram a ocupar um lugar nas necessidades de conhecimento das crianças, sendo adaptados para o entendimento infantil.

As histórias infantis, majoritariamente, aplicam em seus personagens atribuições más (vilões da trama) ou boas (os heróis), não há ambivalência como na vida real, onde é normal oscilarmos nossos pensamentos e atitudes que varia para cada situação. As crianças se identificam com os heróis, não pela sua bondade, mas pela construção do seu personagem que, na maioria das vezes, é o mais bonito, glorioso, forte, valente e que sempre acaba feliz.

Assim ao trazer a fabulação para sua vida, sendo tão boas quanto eles e projetando para a sua realidade os atributos do personagem, alcançaram as mesmas benevolências e méritos. Em seu pensamento ao fazerem o bem, obterão a beleza, destreza e qualidades do herói.

No nosso modelo de sociedade atual, em que a família deixou de ser sinônimo de segurança e tranquilidade, onde as relações sociais não são confiáveis e diversos tipos de violência pairam sobre nós, uma reflexão sobre a estrutura social se faz necessária. Mais que na época da criação dos primeiros contos de fadas, os dias de hoje, merecem uma maior atenção, principalmente no que tange ao olhar infantil sobre o mundo.

É importantíssima a fabulação de um herói, uma imagem isolada que tenha atrativos positivos, servindo de bom exemplo de conduta para a vida infantil. É preciso criar modos de representação, que às vezes dentro da nossa própria casa não conseguimos encontrar uma boa conduta para nos espelhar e nos servir como exemplo social. É importantíssimo termos uma infância firmada em uma imagem que represente integridade e moral, afinal é nessa época que formamos nossa personalidade e caráter, refletindo nas futuras escolhas e ações.

Como vimos à identificação com os personagens nos contos de fadas pode oferecer uma contribuição psicológica. O conto, *Pele de Asno*, de Perrault, analisado acima, pode servir de um meio para representação verossímil para vivência real. É complicado para um adulto explicar uma situação de assédio sexual, para uma criança posicionar-se sobre tal ato, é algo extremamente delicado e difícil de expressar.

Outro ponto pertinente nos contos de fadas é a sua linguagem, que é vista positivamente pelas crianças, encontramos diversos elementos que despertam a curiosidade e que por conseqüência consegue entretê-las. O fato de coisas impossíveis como a proteção por uma fada, animais mágicos, seres encantados, princesas encasteladas e finais felizes, são ideais para a idade infantil, pois atraem a atenção das crianças para este gênero literário. Elas sentem-se fascinadas por estas temáticas, que para elas expõem de uma forma mais concreta a sua visão de mundo.

Perrault consegue extrair de um tema intrincado a simplicidade dos fatos. Mostra sem grandes pudores a problemática do incesto, sem meias palavras descreve o anseio de um pai que deseja sexualmente a filha, tema que permanece contemporâneo. A problemática do incesto nunca foi resolvida e generalizadamente as vítimas se mantêm caladas, principalmente na infância, por não saber o que de fato acontece consigo e com seu corpo. Uma criança que lê o conto *Pele de Asno* e se identifica com a princesa, pode tornar-se mais exposta às formas de diálogo sobre o assunto, mesmo não sabendo o que ocorre consigo a representação para si

da personagem pode encorajá-la a “fugir do castelo”, procurar conselhos com “a fada madrinha”, ir para “outro reino” e despertar para a situação que a cerca.

Os contos de fadas e suas lições também motivam o hábito de leitura, instigam a imaginação e promovem a criatividade. Introduzir nas escolas esses contos facilita a interatividade do profissional educador com o alunado, auxiliando o professor na identificação de algum comportamento irregular.

A ligação das crianças com os contos de fadas pode servir de auxiliador ao professor e estimular o estudante a expressar sua realidade, motivando sua interpretação literária, além de criar vínculos com os gêneros textuais, podendo a parti daí organizar diversas atividades que estimulem o trabalho individual ou grupal, explorando principalmente os trabalhos cognitivos.

Propiciar o hábito de leitura proficiente é dever do profissional educador, cabendo a ele trazer a literatura de acordo com as necessidades de cada turma que leciona. Mais importante que conhecimento enciclopédico é a dedicação de um olhar pedagógico no sentido de preocupação e cuidado com aluno, para isso a aplicação da psicanálise a literatura, em especial os contos de fadas, podem contribuir para formar um elo de aproximação e entendimento dessa fase que é tão importante, a infância.

Referências Bibliográficas:

AZEVEDO, Ricardo. **Livros para Crianças e Literatura Infantil**. (Artigo escrito a partir da dissertação de mestrado “Como ar não tem cor se o céu é azul? Vestígios dos contos populares na literatura infantil”, apresentada em 1998 e disponível na biblioteca de Letras da USP) – Porto Alegre – Editora Kuarup – Ano XI – Nº 61 p. 6-7 e na revista ‘Signos’ Ano 20 nº1, Lajeado, Univates, 1999, p.92-102.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16º. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CORSO Mario; CORSO Diana Lichtenstein. **Fadas no divã: Psicanálise das histórias infantis**. In: _____. 16º ed. Artmed, 2006. O pai incestuoso, pg. 93-105, cap. VI.

DUARTE Fernanda; MESQUITA Raul. **Dicionário de Psicologia**. Colaboração: Pedro Lopes Vieira. 1º Ed. Plátano Editora, S.A. 1996

FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. In: _____ . **A dissolução do complexo de Édipo (1924)**. Edição standard brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistidos por Alix Strachey e Alan Tyson; Traduzido do Alemão e do Inglês sob a direção geral de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imagino, 1996. Pg. 191 – 199.

FREUD, Sigmund. Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. In: _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de James Strachey, Londres: Imago Publishing Co. Volume VII (1901-1905), 1949, Não paginado.

PERRAULT, Charles. *Contos*. 4. Ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1994.

SOCORRO, de F. P. Barbosa. O Conto de Fadas: Chega de Preconceito. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, p. 76 – 79. 10 nov. 2003.